

O MENSAGEIRO DO POVO

Para um caso de tanta importância...
O bem-estar de toda a cidade...
Não é altura para ficar parado.

Henrik Ibsen em *Um Inimigo do Povo* (1882)

A SAÚDE PÚBLICA É UMA AMEAÇA À SOCIEDADE

Textos de Claudia Galhós

O DILEMA

Eis o dilema.

Um médico, responsável pela garantia da qualidade sanitária de uma estância balnear muito rentável – atrai muitos turistas no Verão – descobre que as águas estão contaminadas. Decide divulgar o facto, torná-lo público, em parte por influência do director do jornal *O Mensageiro do Povo*. Acontece que, o anúncio de tal calamidade tem consequências que o Dr. Stockmann não previu. Cabe ao seu irmão, o Intendente (corresponde ao Presidente de Câmara e Presidente da estância balnear) intervir e apontar-lhe, com alguma autoridade, o quanto a insistência na defesa dessa causa vai prejudicar a economia local, a várias escalas. O médico e o Intendente são irmãos. E as posições quanto à questão são opostas. O primeiro não desiste de lutar para denunciar a situação. O segundo, tudo indica, está mais preocupado com o prejuízo financeiro, e a sua credibilidade, que esclarece: *“Mesmo se, talvez com alguma ansiedade, eu quiser proteger o meu nome, é tudo em benefício da cidade. Sem autoridade moral eu não posso governar nem dirigir as questões públicas da maneira que considero mais adequada para o bem de todos.”*

Um Inimigo do Povo é, aparentemente, um conflito entre duas posições opostas, relativas à descoberta de um grave problema que constitui um risco para a saúde pública. Mas a forma como esta nova versão ganha vida em cena destrói qualquer tentação mais simplista de reduzir a complexidade da peça a um dilema com uma resposta numa simples oposição ou dualidade.

Este *Um Inimigo do Povo* faz ressonância da complexidade das dinâmicas das organizações sociais em qualquer escala considerada. E o ponto de partida, que ganhou concordância por parte de todos os actores envolvidos, foi o do exercício permanente do contraditório. A cada passo da história, a cada personagem que entra em cena, a cada amplificação da complexidade da trama, verbalizam a dúvida permanente (desde o primeiro encontro para leitura de texto e ainda hoje em ensaios) sobre as motivações de cada acção, de cada frase dita, de cada comportamento, de cada interacção. Este questionar sistemático ganhou a forma de ambiguidade na peça, e acaba por se tornar a sua identidade: é genuína e autêntica a crença de que ali não é claro – ou preto e branco – quem é o herói e quem é o vilão, ou sequer qual o posicionamento mais

© Jorge Vaz Gomes

Um Inimigo Do Povo Autor: Henrik Ibsen; Tradução: Francis Aubert, edições Cotovia, 2008; Direcção Artística: Tónan Quito; Versão cénica e interpretação: Filipa Matta, Isabel Abreu, João Pedro Vaz, Pedro Gil, Miguel Loureiro, Tónan Quito; Cenografia: F. Ribeiro; Desenho de Luz: Daniel Worm; Figurinos: José António Tenente; Direcção de Cena: Patrícia Costa; Assistência de direcção: Simão Pamplona; Comunicação alternativa: ghost angel; Fotografias: Jorge Vaz Gomes; Produção Executiva: Stage One; Agradecimentos: Cantinho do Vintage; Edições Cotovia, em particular a André Fernandes Jorge; Francis Aubert; Marquês de Montemor, Patrícia Costa; Rita de Castro, Susana Picanço, Miso/Music Portugal, Família Costa e Mariana e Miguel Rala, Gonçalo Ferreira de Almeida e Claudia Galhós; Produção: HomemBala; Co-produção: Stage One, São Luiz Teatro Municipal e Teatro Viriato; Residências: O Espaço do Tempo, Teatro Viriato, espaço alcantara; Apoios: Truta, Teatro Nacional Dona Maria II; Duração: 2h30 com intervalo; M/12

CO-PRODUÇÃO

teatroviriato

SÃO
LUIZ
TEATRO MUNICIPAL

stageone
PRODUÇÃO E AGENCIAMENTO

APOIOS

o espaço do tempo
TEATRO MUNICIPAL

AL K
A N T
A R A

TRUTA

TEATRO
NACIONAL
D. MARIA II

PRODUÇÃO

HomemBala

benéfico para a sociedade quanto à resolução do problema das águas contaminadas da estância balnear, cujas repercussões da sua denúncia pública tem ramificações que estão para além do ponderável. Assim sendo, o suposto dilema, tal como foi exposto, é uma farsa, e apenas uma pequena peça da engrenagem intrincada que traduz o comportamento de variáveis imponderáveis da sociedade. Resulta que não é claro escolher o que é melhor: lutar para que a verdade seja conhecida ou mentir em nome de argumentos que, eventualmente...?, o justifiquem.

Para o Dr. Stockmann, no quarto acto (a peça tem cinco actos), a verdade acima de tudo:

“Que importa que uma comunidade mentirosa seja destruída? Há-de ser arrasada por terra, digo eu! Exterminados como uma praga, todos os que vivem da mentira! Por fim, não-de contaminar o país inteiro! O país inteiro, por vossa causa, há-de merecer ser destruído. E se chegarmos a esse ponto, digo-vos do fundo do meu coração: é melhor destruir o país todo! Exterminar o povo inteiro!”

A opção por destruir ideias-feitas e generalizações simplistas que não são justas para a complexidade da realidade social – tais como ‘todos os políticos são corruptos’ ou ‘aquele que defende a verdade contra tudo e todos é um herói’ ou ainda ‘as histórias para serem credíveis, o comportamento dos personagens deve ser coerente’... – surgiu logo na primeira semana de residência artística de leitura e discussão do texto, em finais de 2014, no Convento da Saudação, O Espaço do Tempo, em Montemor-o-Novo. Tónan Quito – que assina a direcção artística, entra como actor, e recusa a definição de encenador e o que isso implica em termos concretos na dinâmica de criação artística – Filipa Matta, Isabel Abreu, João Pedro Vaz e Pedro Gil (Miguel Loureiro juntou-se ao elenco na fase seguinte) não tiveram dúvidas de que queriam deixar a leitura em aberto para o público, partindo do esmiuçar de todos os detalhes de carácter e de acção das personagens para os tornar tão ambíguos e incoerentes como qualquer ser humano é.

Depois de um primeiro ensaio corrido (a 21 de Maio, no Espaço Alkantara, em Lisboa), Tónan conclui que “ainda está mais ambíguo e mais estranho na sua complexidade do que falávamos em Montemor”. Um efeito que resulta da dinâmica de cumplicidade do colectivo, da identidade questionadora dos actores e da diversidade de personalidades ali reunidas. “É a realização do que se está a pensar e das ideias de cada um deles, da liberdade que lhes é exigida para brincar e para trabalhar e do modo como cada um se apropriou, à sua maneira, dessas ideias. Tudo fica um pouco mais devastador, na medida em que cada um complexificou o discurso e o que tem que fazer em cena.”

COMO DEFENDER UM POLÍTICO?

Já lá vamos. Defender um político, no contexto actual, na opinião generalizada (será que é justo fazer esta afirmação no contexto de um texto sobre uma peça que recusa e rejeita as generalizações e as toma como falsas, redutoras e simplistas concepções da sociedade?), está na linha que conduz à defesa que um economista tem emoções ou que podem haver serial-killers que têm também um lado bom. O debate de ideias não pára entre os actores. Mesmo em períodos em que não ensaiam, trocam impressões sobre a peça.

As dúvidas permanecem, são genuínas, mas a diferença, em relação ao início, é que agora se instalaram como uma afirmação, uma certeza. Não vacilam no permanente duvidar. Pedro Gil é o Dr. Stockmann nesta versão de *Um Inimigo do Povo*. “É um lugar-comum do actor dizer que tem de defender aquela personagem ou que tem de olhar para a realidade através daquela perspectiva. Tem de a defender no sentido de fazer com que não seja a boazinha nem a mázinha. Tem de defender em todo o seu espectro, mesmo que ele seja um serial killer, um pedófilo... Há sempre mais razões por detrás do que de qualquer acção ou afirmação. No início, a nossa dúvida era se a peça não seria suficientemente ambígua. Acho que o Ibsen nesse aspecto é bastante ‘sacana’ porque faz parecer que é tudo muito claro. No final, temos um herói trágico. O Ibsen mostra duas posições, e acho que a sacanice é como se dissesse: ‘Vocês estão do lado do doutor que quer defender a verdade, não é? Pois mais à frente na história, vejam onde isto o pode levar.’ Ele não faz o exercício imparcial de mostrar uma perspectiva e depois outra e, de algum modo, perguntar perante qual nos colocamos. Acabamos sempre sem pé. Por isso acho que é bastante pessimista, porque por regra todos preferimos a verdade à mentira ou à hipocrisia, mas o jogo é precisamente a manipulação dessa tendência.

Tónan refere que o texto podia ter conduzido os actores para a ironia e cinismo. Para que isso não acontecesse, limitaram-se a acreditar naquilo que estavam a dizer, a fazer e nas palavras. A única coisa que pediu foi que tivessem um ponto de vista emocional sobre o que estavam a fazer e a dizer. “Acho que é algo de que às vezes o teatro contemporâneo se distancia, porque o teatro também produz e causa emoções nas pessoas.” Refere em particular a cena de João Pedro Vaz (Intendente) com Pedro Gil (Dr. Stockmann), os irmãos. “É muito bonito o João Pedro, na cena do segundo acto, quando tem a interacção tensa com o irmão, de quem é seu superior, emocionar-se. Primeiro fala com o irmão e depois é que se lembra que é seu superior. De repente ele já não sabe o que está a fazer, perde as estribeiras e pensa ‘vou usar outra cartada, a do superior’.

João Pedro Vaz faz o jogo oposto a Pedro Gil, dando-lhe uma dimensão humana. “O Pedro tenta figurar uma personagem pouco amigável, o que é difícil quando o espectáculo repousa muito sobre o jogo dos actores. Ou seja, é difícil, no caso do Dr. Stockmann, defender um argumento com razão de modo a que, progressivamente, ele possa parecer um fanático. No jogo da peça, andamos a disputar isso intensamente. Por outro lado, também acho que a peça se joga muito na minha personagem. Ou seja, tenho uma responsabilidade muito grande de fazer o contrário, para que a peça se torne ambígua. Do meu ponto de vista, tenho de tornar o Intendente mais humano e o seu raciocínio mais caloroso.”

COMUNIDADE VS INDIVÍDUO

Um Inimigo do Povo enquadra-se, como texto, na linha de temáticas que Tónan Quito tem vindo a trabalhar nas suas peças. “Nós, como seres sociais, como família; nós e a sociedade; nós e a política. Acho que a escolha recai sobre o que me inquieta e aquilo que acho interessante ver e fazer. Continuar a pensar o quotidiano e os dias de hoje através destes textos que se focam sobre o que é isto de vivermos em sociedade, o que é isto de vivermos juntos? No final desta peça, Stockmann descobre: ‘o homem mais forte é aquele que está mais sozinho’. Não há esperança para uma vida social, para a democracia? Essa é uma grande questão que surge aqui. Em *Ivanov* (2009), de Tchekov, também havia essa questão: o homem, como ser muito complexo, não pode ser fechado em duas ou três ideias pré-concebidas. Este texto vem nesta linha. Tudo demasiado complexo para conseguirmos arrumar a sociedade dessa forma: quem está no poder é o mau, quem descobre a verdade é o bom. Aqui ainda é mais ambíguo e mais cinzento. A burguesia que tem o suficiente para ser feliz e para conseguir apoio, ter poder e exercer o domínio sobre uma classe ainda mais baixa que a sua... Estas posições são mais cinzentas, duvidosas. Os mecanismos do Estado não protegem os indivíduos. Como se manipula uma verdade da ordem do banal e do quotidiano? Como tão facilmente uma pessoa é aniquilhada como indivíduo? Há espaço para a nossa individualidade no colectivo?”

Outro tema é o do papel da mulher na sociedade, representado pela mulher do Dr. Stockmann (Isabel Abreu) e pela, já autónoma e revolucionária filha, Petra (Filipa Matta). “A Sr.^a Stockmann não é simplesmente uma mulherzinha submissa. Discutimos muito a frase em que ela diz, ‘Nesse caso, eu vou mostrar-lhes que uma... uma dona de casa pode ser um homem... por uma vez.’ Uma dona de casa

vai transformar-se num homem? Isso, para mim (Isabel) já foi, mas agora não é questão.”

“O poder feminino está dado no texto de Ibsen”, diz Isabel. “O Stockmann, sempre que precisa de alguma coisa, o nome da mulher está lá. Sem querer, dá uma posição de poder à mulher, embora ainda na sombra.”

“A filha é a prova dessa emancipação. Assim como a dinâmica da casa, o falar-se de política à mesa, a casa estar aberta aos jornalistas... É ainda muito curioso como no texto a Sr.^a Stockmann interfere pouco mas é determinante na acção.”

Pedro Gil contextualiza historicamente esta situação do feminino como surgindo nesta peça em fase de transição no posicionamento de Ibsen. Em 1879, o dramaturgo norueguês escreveu *Casa de Bonecas*. Em *Um Inimigo do Povo* dá um passo em frente. “Ela ainda trata da lida doméstica, ainda há resquícios dessa mentalidade, a presença de machismo, mas a filha já estudou, já vai para as manifestações. Há uma transição, há a emancipação da mulher que está aqui a acontecer.”

Para Miguel Loureiro, os sinais de machismo presentes são mais uma forma de Ibsen tirar o tapete de herói ao Dr. Stockmann. “É um machismo construído, carregado por Ibsen, a contribuir para a figura contraditória da personagem, que é liberal, mas não sabe sequer o nome da criada, a quem se refere sempre como ‘a da cara suja’ e que trata a mulher, quando está sozinho, como a que tem de fazer as tarefas. Temos isto na vida. Há personagens reais, estou a lembrar-me de um, que é tido como herói, o John Lennon, que batia nas mulheres que teve, inclusive na Yoko Ono... e no entanto é apresentado como um ícone da paz.

A SOCIEDADE REPOUSA SOBRE UM MONTE PESTILENTO DE MENTIRAS

Afinal, o que é que está aqui em causa? Para Tónan: “O Intendente nunca diz ‘não vamos fechar, isto vai ficar aberto, morra quem morrer’. Ele diz: ‘tu devias ter vindo falar comigo primeiro, para resolvermos a situação’. Há muitas discussões privadas que levam a pensar – talvez eu esteja a ser maniqueísta – que nunca se encontrou uma solução séria para o problema. No quinto acto, o Dr. Stockmann diz, ‘se calhar devia haver um antidoto’. Mas ele, que é um homem de ciência, devia ter sido o primeiro a pensar, ‘as águas estão contaminadas, como é que se resolve isto?’ A solução que ele arranja é ‘fechar, mudar a canalização toda...’ Não accionou um plano... Podemos até pensar que há uma vingança do Dr., que seria: ‘Eu disse como é que isto devia ser feito; eles para poupar di-

nheiro, nas manigâncias entre empreiteiros e construtores fizeram assim, para lucro próprio, e agora lixam-se.’ Ou seja, o problema real, das águas contaminadas, é exposto na peça jornalisticamente: há o problema das águas, onde, como, quem... Como é que se resolve o problema? A peça não trata disso. Toda a peça anda à volta de como é que as movimentações acontecem e o problema real permanece.” Como na vida real, não há solução. “É passar a bola para o lado de lá, para o indivíduo, para o público que vai ao teatro, porque é uma experiência colectiva. É dizer: ‘pensem vocês, estejam connosco.’

Miguel Loureiro contextualiza as opções feitas, perante um texto tão político, tão actual quanto arrepiante na exposição dos meandros do funcionamento dos jogos de poder sociais. “Não podemos ser ingénuos em relação à história do teatro. O teatro de ambições sobre a percepção teve o seu tempo e teve o seu expoente máximo no Séc XX com Brecht, com o teatro baseado numa real tentativa de mudança científica dos posicionamentos políticos e com mecanismos em que infecta a própria narrativa, abandona e repudia aquela coisa da ficção para mostrar os próprios mecanismos do teatro. *Um Inimigo do Povo* é uma peça sobre questões políticas. Pode-se fazer uma fábula política e construir muito bem a fábula; ou pode-se fazer da peça uma acção concreta, como um gesto deliberado do encenador que queira tornar essa sua encenação de texto um acto de guerrilha. Na forma como estamos a trabalhar com o Tónan não vejo a cair fortemente em nenhum dos lados. Acho que há aspectos dos dois. Uma postura de ‘vamos lá todos’ pode comprometer o texto, mas também acho que, como disse o Pedro Gil, a fábula bem feita e a história bem contada em cima do palco deixa sempre um germen, uma espécie de infecção. Acho que estas pessoas que nos vão visitar no teatro vão levar alguma coisa. Não levar, nem que seja, a clivagem e o despotismo das injustiças entre essa coisa informe que é a opinião pública e os ideais absolutamente maravilhosos, utópicos e concretos, que são os que naturalmente iríamos apoiar. Iríamos... mas depois começamos a ver que há pedras na engrenagem e, se calhar, esses que pensamos que são os maus da fita não são assim tão maus. Eles até conseguem sustentar a coisa para que tudo continue a andar. A peça é boa por causa disso.”

O que é aterrador, diz Pedro Gil, “é quando o Dr. Stockmann já está descontrolado e diz coisas que nós, espantosamente, achamos que são verdadeiras, ainda que sejam contra o que pensamos serem as nossas convicções. Como quando ele diz ‘a maioria das pessoas no mundo são tolas e não queremos que os tolos governem’. Há momentos da nossa vida em que achamos que a massa é composta de

tolos, não achamos que são inteligentes. Ele lança tudo neste argumento: ‘E se achamos isso porque estamos aqui a mentir?’ A meu ver, não há nada que ele diga que, em algum momento, qualquer um de nós, não tenha já pensado como sendo verdade.”

No final do texto regresso à questão de início: o jogo permanente do contraditório. Nada de aparentemente extraordinário mas que tem implicações, não evidentes, no pôr em causa convenções teatrais e na dignidade como a peça assim construída estabelece a relação com o público. Sem ostentações, há opções que formulam uma nova ordem humana para o teatro e anunciam formas alternativas de construir a cena. Em coerência com o conteúdo da peça, essas opções sobre o próprio teatro, passam por jogos de ambiguidade e, por isso, não são imediatamente visíveis, e só esses precisariam de um extenso texto para os esmiuçar. O que se torna mais visível é o potencial de discussão sobre como viver é um estado de permanente espanto e perplexidade. É a permanente incoerência e por vezes o deparar com a falta de sentido no que acontece. Portanto, é sobre o que é isto da Pólis, da democracia, do desfasamento entre ideologias, as acções concretas do quotidiano e as manobras que, na vida como num certo teatro contemporâneo, são de bastidores mas deixam rabos de fora, como os gatos.

Palavra a João Pedro Vaz: “Sendo a peça feita de maneira ambígua, há quase figuras de representação que a tornam um espelho da plateia. Estamos muito habituados a achar que palavras como ‘poder’ não nos dizem respeito. As pessoas têm a ideia feita de que o poder as corrompe, mas rapidamente percebem que qualquer organização com mais de quatro pessoas, qualquer grupo informal, qualquer colectivo de artistas, qualquer instituição cultural, encerra em si mecanismos de ocultação de factos, de estratégias de comunicação e de hierarquias... Ao ponto de, como Intendente e Presidente da estância, chegar à gravidade de dizer a frase, ‘como subalterno não tens direito de manifestar nenhuma posição pessoal’. Qualquer pessoa, em qualquer organização, por mais pequena que seja, tem isto por adquirido, e muitos já ouviram isto da boca de um superior. A experiência do quotidiano faz com que comportamentos desta natureza se tornem banais. Esta ‘banalidade da vida’, declarada entre duas pessoas em palco, ganha uma amplificação na agressividade que lhe está implícita.



TOMAS STOCKMANN

Nasceu na cidade mas viveu afastado um período, no Norte. É irmão do Intendente. Casou-se com Katrine com quem tem 3 filhos. É médico e possui um espírito curioso. Sente-se realizado no seio familiar. Profissionalmente sente que ainda tem muito para mostrar.



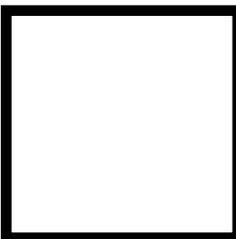
HOVSTAD

Editor-chefe do jornal *O Mensageiro do Povo*. Vem de uma família humilde. Quando assumiu o jornal a sua intenção era a de romper com o círculo uniforme de reaccionários. Como jornalista do povo, aproveita qualquer oportunidade para a libertação da maioria.



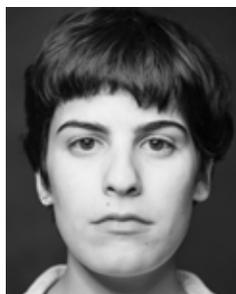
KATRINE STOCKMANN

Mulher do Dr. Stockmann e mãe dos seus 3 filhos. Gosta de receber bem e de ter gente em casa. A sua prioridade é a família. Conhecida pela sua sensatez, é uma mulher tenaz que se orgulha da sua família.



MORTEN KIIL "O TEXUGO"

Pai da Sr.^a Stockmann, proprietário de alguns curtumes do Vale do Molle. Tem fama de avarento, mas gosta muito dos netos.



PETRA

Filha do Dr. e da Sr.^a Stockmann. Tem 23 anos e começou a trabalhar recentemente como professora primária. É uma mulher das letras, revolucionária e liberal. Segue as ideias políticas do pai, apoiando-o sempre.



PETER STOCKMANN

Original da cidade, assume com grande responsabilidade a sua função de Intendente da cidade. Solteiro e sem filhos, é um homem particularmente dedicado ao trabalho. As pessoas vêm-no como uma pessoa fria e distante. O seu prato preferido: Bife tártaro.



ASLAKSEN

Tipógrafo que sempre viveu na cidade. Já foi um revolucionário mas agora enveredou por um meio de vida mais moderado. Tornou-se um burguês exemplar. Zela pelo bem da cidade e dos cidadãos. Não gosta de beber.

IBSEN CONSTRÓI CAIXÃO DE RICARDO III. BREVEMENTE...

TESTE

SE É UM INIMIGO DO POVO, E O SEU TIPO DE PESSOA-ANIMAL (HOMEM-CANICHE, HOMEM-RAFEIRO...)
ENTRE AS AFIRMAÇÕES QUE SE SEGUEM, ASSINALE AQUELAS COM AS QUAIS CONCORDA. SOME O NÚMERO DE AFIRMAÇÕES SELECIONADAS E CONFIRME (NO FINAL) QUAL O SEU PERFIL:

- 1 *Acho que a comida tem um sabor melhor quando posso ficar à mesa a comer sozinho, sem ser incomodado.*
- 2 *Cabe ao indivíduo submeter-se ao todo ou, melhor dizendo, submeter-se às autoridades que têm por missão assegurar o bem comum.*
- 3 *Nós, os seres humanos, andamos de um lado para o outro a fazer juízos de valor como toupeiras cegas...*
- 4 *Considero que um jornalista estaria a assumir um fardo muito pesado se desprezasse uma oportunidade tão propícia para a libertação da maioria, dos pequenos, dos oprimidos.*
- 5 *A moderação é a primeira virtude de um cidadão.*
- 6 *A imprensa livre e independente fará com que vocês assumam as vossas responsabilidades.*
- 7 *O público em geral não precisa de ideias novas. O público em geral fica mais bem servido com as boas ideias velhas de que já dispõe.*
- 8 *Como subalterno, não tens direito a ter nenhuma convicção pessoal.*
- 9 *Quero denunciar os erros que mais cedo ou mais tarde virão à luz do dia.*
- 10 *Não serve de nada, numa sociedade livre, ter a razão do nosso lado.*
- 11 *Um editor nem sempre pode agir como gostaria. Muitas vezes é preciso ceder à opinião das pessoas nas coisas de menor importância.*
- 12 *Um homem com mulher e filhos tem o direito de proclamar a verdade, tem o direito de ser um bom cidadão... e de servir a cidade em que vive.*
- 13 *Todas as fontes da nossa vida moral estão contaminadas, e a nossa comunidade inteira repousa sobre um monte pestilento de mentiras.*
- 14 *A maioria nunca tem a razão do seu lado. Os tolos constituem assustadoramente a grande maioria.*
- 15 *O homem mais forte do mundo é aquele que está mais sozinho.*

SOLUÇÕES

Entre 1 a 5 escolhas:

És um Inimigo do Povo. Tens uma personalidade inquieta, obstinada, rebelde. Uma infeliz propensão para escrever publicamente sobre tudo quanto é assunto possível e impossível. Passa-te uma coisa pela cabeça e lá vais tu escrever um artigo sobre isso para o jornal, ou até um panfleto inteiro. Não toleras qualquer autoridade acima de ti; vês com maus olhos quem quer que tenha um posto superior e considerá-lo um inimigo pessoal... e depois, qualquer arma de ataque te serve. És um homem-rafeiro. Um cão vulgar de quintal, um desses rafeiros feios, pelados, que andam a correr pelas ruas e nos emporcalham as paredes das casas.

Entre 5 a 10 escolhas:

Tu não tens ideia do mal que fazes a ti próprio com os teus arroubos. Queixas-te das autoridades, do próprio governo... sim, de uma forma até demolidora... e afirmas que foste posto de lado, perseguido. Mas que outra coisa podes tu esperar, um homem tão difícil quanto tu? És um Inimigo do Povo. És um homem-caniche. Daqueles que vêm duma linhagem que, há várias gerações, é criada em ambientes distintos, onde reinam a boa comida, boa música e vozes harmónicas. É este tipo de caniche que os saltimbancos vão buscar ainda cachorros para os treinarem e lhes ensinarem os truques mais incríveis!

Entre 10 e 15 escolhas:

És a pessoa mais inteligente da cidade. Mas também és muito fácil de iludir, embora tenhas a certeza de que isso não vai acontecer, que ninguém ousaria, porque todos sabem que tens a maioria sólida por trás de ti. És um Inimigo do Povo. És uma galinha.

Entre 15 e 20 escolhas:

És uma pessoa tranquila, amante da paz, que defende a moderação sensata... e a sensatez moderada. Os que te conhecem podem comprovar isso. Na escola da vida e da experiência, aprendeste que a moderação é a virtude que mais beneficia o cidadão... e que a sensatez e a moderação são as posturas que melhor servem a sociedade. És um Inimigo do Povo. És um carneirinho.